



O SANTO “REVORTADO”: A IMAGEM DE SÃO SEBASTIÃO, E SUA APROPRIAÇÃO EM RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS, COMO ATO ICÔNICO NA SANTA IRMANDADE DO CONTESTADO¹

THE REVOLTED SAINT: THE IMAGE OF SAINT SEBASTIAN, AND ITS APPROPRIATION IN AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS, AS AN ICONIC ACT IN THE SANTA IRMANDADE DO CONTESTADO

EL SANTO SUBLEVADO: LA IMAGEN DE SAN SEBASTIÁN, Y SU APROPIACIÓN EN LAS RELIGIONES AFROBRASILEÑAS, COMO ACTO ICÓNICO EN LA SANTA HERMANDAD DEL CONTESTADO

Rogério Rosa Rodrigues²

RESUMO

A prisão da imagem de um santo católico, relatada a partir da poesia de um rebelde que atuou na Guerra do Contestado, será o fio condutor da análise proposta no artigo. A abordagem tem como problema de pesquisa revisitar a historiografia da religiosidade do Contestado e propor conexões entre a crença nos santos católicos, evocados pelos rebeldes do Contestado, com religiosidades de matriz africana. Mais especificamente, propõe o cruzamento da relação entre a imagem de São Sebastião e a do Orixá Oxossi. A abordagem é inédita, pois até o momento é vigente a interpretação da religiosidade do Contestado com a categoria de catolicismo rústico construída pelo sociólogo Duglas Teixeira Monteiro. A conexão entre a crença dos fiéis do Contestado com religiosidades de matriz africana é construída a partir de vestígios deixados na tradição historiográfica sobre o conflito, em especial comentários, notas de rodapé e indicações de leitura apresentados nos trabalhos de Maurício Vinhas de Queiroz, Márcia Espig e Zélia Lemos. A principal fonte, porém, é um poema, em formas de décimas, atribuído ao líder rebelde Adeodato Ramos, compilado da tradição oral pelo folclorista Euclides Felipe. A hipótese levantada é de que a centralidade da presença de São Sebastião como liderança máxima da falange sagrada cultuada pelos rebeldes, assim como seu cruzamento com religiões de matriz afrobrasileira, está relacionada, entre outros fatores, ao papel ocupado pela própria força e expressividade da escultura do santo, que foi construído em tamanho natural. O referencial teórico que sustentará a análise é teoria do ato icônico elaborada pelo historiador da arte Horst Bredekamp.

Palavras-Chave: São Sebastião. Religiosidade afrobrasileira. Guerra do Contestado. Oxossi.

¹A presente pesquisa conta com apoio financeiro da FAPESC.

²Doutor em História Social. Professor do Departamento de História, Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), mestrado e doutorado, e no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Santa Catarina. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5189-7095>. E-mail: rogerio.rodrigues@udesc.br

ABSTRACT

The arrest of the image of a Catholic saint, reported from the poetry of a rebel who acted in the Contestado War, is the leading thread of the analysis proposed in the article. The approach has as a research problem to revisit the historiography of the religiosity of Contestado and to propose connections between the belief in the Catholic saints, evoked by the rebels of Contestado, with religiosities of African matrix. More specifically, it proposes the crossing of the relationship between the image of São Sebastião and that of the Orixá Oxossi. The approach is unprecedented, as until now the interpretation of the Contestado religiosity with the category of rustic Catholicism constructed by the sociologist Duglas Teixeira Monteiro is in force. The connection between the belief of the Contestado faithful with religiosities of African matrix is constructed from traces left in the historiographical tradition on the conflict, in particular comments, footnotes and indications for reading presented in the works of Maurício Vinhas de Queiroz, Márcia Espig and Zélia Lemos. The main source, however, is a poem, in decimal form, attributed to the rebel leader Adeodato Ramos, compiled from oral tradition by the folklorist Euclides Felipe. The hypothesis raised is that the centrality of the presence of São Sebastião as the maximum leadership of the sacred phalanx worshipped by the rebels, as well as its crossing with religions of Afro-Brazilian matrix, is related, among other factors, to the role occupied by the strength and expressiveness of the saint's sculpture, which was built in natural size. The theoretical framework that will support the analysis is the iconic act theory elaborated by the art historian Horst Bredekamp.

Keywords: Saint Sebastian. Afro-Brazilian religiosity. Contestado War. Oxoss.

RESUMEN

La detención de la imagen de un santo católico, relatada a partir de la poesía de un rebelde que actuó en la Guerra de Contestado, es el hilo conductor del análisis propuesto en el artículo. El enfoque tiene como problema de investigación visitar la historiografía de la religiosidad de Contestado y proponer conexiones entre la creencia en los santos católicos, evocada por los rebeldes de Contestado, con religiosidades de matriz africana. Más concretamente, propone el cruce de la relación entre la imagen de São Sebastião y la de los Orixá Oxossi. El enfoque es inédito, pues hasta ahora ha estado vigente la interpretación de la religiosidad contestataria con la categoría de catolicismo rústico construida por el sociólogo Duglas Teixeira Monteiro. La conexión entre la creencia de los fieles de Contestado con religiosidades de matriz africana se construye a partir de las huellas dejadas en la tradición historiográfica sobre el conflicto, en particular comentarios, notas a pie de página e indicaciones de lectura presentadas en las obras de Maurício Vinhas de Queiroz, Márcia Espig y Zélia Lemos. La fuente principal, sin embargo, es un poema, en forma decimal, atribuido al líder rebelde Adeodato Ramos, recopilado de la tradición oral por el folclorista Euclides Felipe. La hipótesis planteada es que la centralidad de la presencia de São Sebastião como liderazgo máximo de la falange sagrada venerada por los rebeldes, así como su cruce con religiones de matriz afrobrasileña, está relacionada, entre otros factores, con el papel ocupado por la fuerza y expresividad de la escultura del santo, que fue construida en tamaño natural. El marco teórico que sustentará el análisis es la teoría del acto icónico elaborada por el historiador del arte Horst Bredekamp.

Palabras clave: San Sebastián. Religiosidade afrobrasileña. Guerra Contestada. Oxossi.

Como citar este artigo: RODRIGUES, Rogério Rosa. O santo “revortado”: a imagem de São Sebastião, e sua apropriação em religiões afrobrasileiras, como ato icônico na Santa Irmandade do Contestado. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 13, p. 102-121, 23 maio 2023. Doi: <https://doi.org/10.24302/drd.v13.4792>

Artigo recebido em: 12/04/2023

Artigo aprovado em: 09/05/2023

Artigo publicado em: 23/05/2023

1 INTRODUÇÃO

Um corpo seminu. Ele traça uma túnica verde que cobre as partes íntimas e deixam expostos os músculos da perna, o contorno do quadril e o abdômen definido. A árvore que sustenta o peso do jovem Sebastião, lembra que ele foi atado a ela para o suplício determinado pelo Imperador romano Diocleciano: o de ter o corpo perfurado de forma certa e meticulosa, sem que as flechas atingissem órgão vital, para que a morte fosse lenta e dolorosa. Os algozes foram escolhidos entre os melhores arqueiros do império. Na escultura, a presença desses profissionais está anunciada pelos pequenos furos no corpo do santo. Furos realizados em lugares específicos que confirmam que a ordem do flagelo foi cumprida à risca. O braço direito encontra-se erguido para trás, enquanto o esquerdo está levantado um pouco acima da cabeça, com o punho suavemente relaxado para baixo.

Esse gesto combina com o pescoço inclinado e com os olhos dirigidos ao céu. A perna direita está ligeiramente à frente, como se prestes a deixar o local e se movimentar em socorro aos fiéis que o contempla. Nesses três gestos (da perna, do braço e do pescoço) foi materializado pelo escultor a ideia de que apesar da situação de dor extrema, mesmo em caso de suplício ao corpo, a fé não abalou a carne do homem.

As fitas atacadas ao braço esquerdo do santo, a faixa vermelha com detalhes de flores brancas que atravessam seu corpo, são adornos recentes que indicam ser ele fruto da devoção contemporânea e ter sua imagem atualizada à liturgia católica recente. As manchas verificadas, sobretudo nas pernas, revelam a ação do tempo sobre a tinta e dão mostras da matéria-prima em que o corpo do santo emergiu. A mesma que na legenda áurea teria servido para aplicar-lhe o suplício, neste caso, a madeira.

Essa escultura atualmente se encontra na capela de São Sebastião no interior do município de Lebon Régis, interior de Santa Catarina. Sua história está diretamente relacionada à Guerra do Contestado, ou melhor, à fé que moveu homens e mulheres a resistir à violência e repressão imposta pelo estado brasileiro contra a Santa Irmandade do Contestado. Uma experiência histórica que tem como símbolo de religiosidade a crença na santidade dos monges João e José Maria, andarilhos e curandeiros que tiveram sua santidade associada ao dom de estar em companhia da Virgem Maria e de uma legião de anjos e santos, entre os quais São Sebastião se destacava (ESPIG, 2002). Se a crença no santo se espalhou pelo planalto catarinense em data incerta, marcando mais um episódio da história da religiosidade do povo brasileiro, a presença dessa imagem, em especial, singulariza uma história de fascínio, poder e devoção que amplia e transborda na vertente da história do Contestado, abrindo novas questões para o pesquisador e a pesquisadora interessados no sagrado e na sua conexão com a história da arte.

A imagem de São Sebastião registrada na fotografia acima possui tamanho de uma pessoa adulta - aproximadamente 1,60 m. - e foi esculpida em madeira. No processo de criação da imagem tem-se a impressão de que o artista fez o conjunto completo (o santo e a base de madeira que sustenta seu corpo) emergir do tronco de uma árvore centenária, possivelmente derrubada entre as muitas árvores nativas daquela região. O fato de ter sido produzida em tamanho natural, e não termos referência de outra imagem com essa mesma dimensão nas descrições feitas sobre as capelas das Cidades Santas do Contestado, permite singularizá-la na documentação de época que sempre se refere a essa imagem por ter a estatura de um homem médio.

A data de sua produção é incerta, mas há pistas sobre o artista que deu vida a ela. Os relatos de época falam de um agrimensor de sobrenome alemão que esculpia santos em madeira, e que teria sido o autor de uma imagem de São Sebastião em tamanho natural. Amparada em memória de antigos moradores da região, a historiadora Zélia Lemos afirma que: “a imagem de S. Sebastião em tamanho natural, segundo consta, foi obra de Walter Schmidt” (LEMOS, 1977, p.107).

Maurício Vinhas de Queiroz registra que “Schmidt morava no alto Tamanduá, próximo ao reduto-mor, onde deixou a família, inclusive oito filhas, a menor com quatro meses. Há mais de vinte anos conhecia toda a região em torno. Era muito ligado a Venuto Bahiano” (QUEIROZ, 1981, p. 210). Com o recrudescimento da ofensiva militar sobre os fiéis, o possível escultor da imagem se apresentou ao exército e passou a colaborar no reconhecimento da região. Sua atividade como agrimensor foi de fundamental importância para a construção dos croquis que os militares fizeram do chamado teatro de guerra. Como devoto que era de São Sebastião, Schmidt conhecia cada milímetro da mata, sabia de trilhas e acessos aos redutos que somente os homens e mulheres que nele viviam eram capazes de percorrer e identificar. No entanto, o papel que a imagem do santo produzida por ela teve no desenrolar na repressão ao conflito vai além do flagelo imposto aos fiéis. A própria escultura foi objeto de controle, prisão e temor.

Tendo como referências essas informações, propõe-se conectar a escultura de São Sebastião, atualmente no interior do município de Lebon Régis, com aquela mencionada por um dos mais proeminentes líderes dos rebeldes do Contestado, Adeodato Ramos. Os moradores da região afirmam se tratar da mesma imagem que, em 1915, foi aprisionada pelo capitão do 54º. Batalhão de Caçador, sediado em Florianópolis, Vieira da Rosa, mais conhecido como capitão Rosinha. As peripécias sobre a devoção a essa imagem é o que se propõe narrar e analisar neste artigo. Por meio dessa história, algumas hipóteses sobre a conexão da religiosidade dos devotos de São João e São José Maria com religiosidades de matriz africana foram elaboradas, em especial a relação de São Sebastião com o orixá Oxossi.

Figura 1 – São Sebastião. Igreja da vila de S. Sebastião, Lebon Régis/SC.



Foto: Carlos Silva. Associação Cultural Coração do Contestado, Lebon Régis, SC.

2 REVISÃO DE LITERATURA

São Sebastião foi figura central para a devoção dos homens e mulheres da Santa Irmandade. Márcia Espig (2002) e Eduardo Salomão (2008) se debruçaram sobre a crença nesse santo entre os fiéis de São João e São José Maria. Espig, em especial, destacou quais eram as características mais comuns atribuídas ao santo entre os fiéis do Contestado. Ela afirma que para os homens e mulheres da Santa Irmandade São Sebastião era um guerreiro, um chefe militar, o “Rei da Glória”, um conselheiro sábio, um estrategista. A historiadora destaca que a associação entre a história de São Sebastião e a trajetória dos fiéis do Contestado foi importante para consagrá-lo entre os demais santos e anjos de devoção local:

Tal como estes [os fiéis do Contestado], São Sebastião foi preso, sofreu acusações e reprimendas; tal como eles, sentiu vergonha pelos pecados que lhe foram imputados [...]. Aproximado desta forma da existência humana e, de certa forma, também dos pecados humanos, São Sebastião deixou de ser, definitivamente, um etéreo e distante santo, para ser transformado não apenas em comandante, mas também em cúmplice de todas as dores e sofrimentos (ESPIG, 2002, p. 163).

Não cabe aqui reconstituir detalhadamente os fatos complexos que contribuíram para a formação da Santa Irmandade,³ mas vale ressaltar que além da luta pela terra e a crítica ao poder dos coronéis, constava a tentativa de homens e mulheres que viviam na região se desvencilharem do autoritarismo e da exploração impostos, primeiro pelas autoridades que instalaram uma ferrovia que atravessou a região e, depois, pela madeireira internacional que nasceu desse mesmo empreendimento “civilizacional” que foi a estrada de ferro. Trata-se da *Southern Lumber and Colonization Company*, criada com os recursos dos investidores da *Brazil*

³Para maiores detalhes sobre a constituição da Santa Irmandade e a organização social e política das cidades santas, pode-se recorrer ao texto de Rodrigues e Dallanora (2022)

Railway Company e que passou a explorar a madeira e lotear as terras para venda a imigrantes europeus. Motivações outras, como a querela pela delimitação de fronteiras entre Paraná e Santa Catarina, disputas pela exploração da erva mate e questiúnculas locais opoendo, em algumas vezes, sujeitos da mesma família, também se fizeram presentes na constituição da Santa Irmandade.

Como expressão dessa nova perspectiva de vida, foram criadas as Cidades Santas, locais que abrigavam todos e todas que professavam a mesma fé nos santos e monges, assim como desejavam instaurar um novo tempo no mundo: aquele de bonança e igualdade entre os fiéis (MONTEIRO, 1974; AURAS, 1982). Taquaruçu, Caraguatá, Bom Sossego, São Miguel, São Pedro, Santa Maria, Tamanduá, Pedras Brancas... esses são alguns dos nomes atribuídos às dezenas de cidadelas criadas pelo povo local entre 1913 e 1916. No interior dessas comunidades, nova rotina era instaurada. Os casebres eram de madeira com telhado coberto de palha. Em média cada cidade santa abrigava dois mil habitantes, mas no auge da repressão militar, por volta do primeiro semestre de 1915, Santa Maria contou com aproximadamente 20 mil pessoas. Nos jornais da época essa cidade santa era chamada de Meca Sertaneja e muito comparada ao arraial de Belo Monte, em Canudos.

O centro da comunidade era a igreja. Em sua frente mantinha-se um espaço retangular, como aquele presente em povoados Jesuíticos do Paraguai e sul do Brasil, e que se chamava de quadrado santo. O amanhecer era anunciado com os ritmos de um tambor que convocava os fiéis até o quadrado para realizar as formas, ou seja, a organização das pessoas distribuídas em grupos, para definir as atividades do dia, dar notícias sobre as ações tomadas, relatar as ordens proferidas pelos monges por meio de sinais como voos de pássaros, sonhos ou mesmo aparecimento das figuras sagradas entre as nuvens. As lideranças no interior dessas comunidades provinham da capacidade de comunicar-se com os santos e monges e de instruir o povo para a virtude e a fé. Videntes como as crianças Manoel, Joaquim e Teodora, tiveram papel destacado em Taquaruçu pelos idos de 1913 e 1914; Maria Rosa, uma jovem de 15 anos de idade, firmou sua liderança em Caraguatá e Bom Sossego na primeira metade de 1914; Adeodato Ramos, a última liderança, se ergueu na segunda metade do mesmo ano e foi imprescindível na resistência ao ataque furioso movido pelo Exército Nacional – aliado a jagunços de coronéis locais – efetuado em Santa Maria.

O historiador Paulo Pinheiro Machado (2004) mostrou como o avanço da repressão do Estado contribuiu para operar uma transição entre o poder do que ele denominou de lideranças religiosas e de lideranças de briga. Diferença que, ressalta o mesmo pesquisador, merece ser matizada de forma cuidadosa, visto que os homens de briga não deixavam de fundamentar e orientar suas ações em poderes sobrenaturais, ora se comunicando com os santos por meio das interpretações dos sonhos, ora cercando-se de conselheiros que serviam de mediadores entre as ordens efetuadas pelos homens e pelas entidades sagradas.

Em meio a essa experiência de organização comunitária, atacada ferozmente por militares, coronéis e representantes das empresas multinacionais, é que a força da Santa Irmandade se firma e se projeta até chegar ao nosso presente. Na repressão ao movimento, foram mobilizados mais de sete mil soldados do exército nacional. Soma-se a esse número os dois mil jagunços de coronéis, oficialmente incorporados como força auxiliar na ação do general Fernando Setembrino de Carvalho que chegou ao planalto catarinense em setembro de 1914. Acrescenta-se a esse contingente os homens das forças públicas do Paraná e de Santa Catarina e os jagunços particulares da madeireira internacional.

Desde sua formação, em dezembro de 1913, as cidades santas não tiveram um momento sequer de tranquilidade. Os ataques covardes, como o operado em Taquaruçu em fevereiro de 1914, não poupou crianças, mulheres, adoentados e idosos. Isso porque, durante a ação militar operada ao amanhecer com canhões e metralhadoras disparando fogo sobre a vila do alto de uma montanha, os homens estavam a alguns quilômetros dali erguendo a nova comunidade que seria transferida de Taquaruçu para Caraguatá. Apesar da violência policial, da pressão social e da suposta passividade e conformação que impera sobre o povo brasileiro – mito, como sabemos, construído pela nossa cultura política – o número de pessoas que afluía para as cidades santas era surpreendente. Esse fluxo só foi interrompido com cercos militares e a violência dos ataques contra os habitantes dessas comunidades.

Se as motivações políticas e sociais pesaram para a organização das cidades santas, não se pode menosprezar as de cunho religioso. A tradição dos monges João e José Maria têm sido muito bem analisadas pela historiografia recente, com destaque para a pesquisa de Alexandre Karsburg (2014), Tania Welter (2018) e Gabriel Kunrath (2020). Não tem como compreender o Contestado sem conhecer a relação mantida pela comunidade local com a crença nos curandeiros e eremitas que os fiéis consagraram, popularmente, à categoria de monge. Sem descuidar dessa vertente, propõe-se retomar algumas veredas abertas no passado por pesquisadores(as) que ressaltaram o papel que São Sebastião teve na formação da Santa Irmandade do Contestado. Nesse sentido, destaco os trabalhos pioneiros de Euclides Felipe (1995), Márcia Espig (2002) e Maurício Vinhas de Queiroz (1981) que fizeram apontamentos importantes sobre a força desse santo naquela região. As fontes mobilizadas são, basicamente as já indicadas por esses autores, tais como orações, relatos militares, memórias de época. O fio condutor, no entanto, serão as décimas produzidas por Adeodato Ramos durante sua permanência como prisioneiro em Florianópolis (1916-1923).

3 METODOLOGIA

A partir da interpretação das fontes citadas é proposto renovar a pergunta de pesquisa sobre a importância da figura de São Sebastião na configuração devocional dos homens e mulheres do Contestado. Para isso, é colocado em primeiro plano o papel que a escultura em tamanho natural teve, entre todas as demais imagens de santos encontradas nas cidades santas na organização complexa e engenhosa dos fiéis da Santa Irmandade. Com a ênfase da análise sobre a performatividade da escultura, são analisados os vínculos possíveis da crença em seu poder guerreiro com aquilo que o historiador da arte, Horst Bredekamp (2015), chamou de Ato Icônico Intrínseco, ou seja, o poder que uma imagem tem de afetar quem a olha. Poder que vai além do *pathos* da emoção que pode associar a imagem a uma figura sagrada por sua legenda áurea. Nesse caso, inverte-se a perspectiva, e ao invés da afecção ser unidirecional, partindo do sujeito para a imagem, busca-se refletir sobre o poder que certas imagens possuem de afetar quem se porta diante dela.

Seguindo as pegadas desse historiador, verifica-se a capacidade que as imagens, ou que uma imagem específica, a de São Sebastião, teve entre os fiéis ao afetar profundamente quem a mirasse. Portanto, é o corpo da imagem que conduzirá a análise que segue. Sua materialidade é o mote e a pista que temos para associá-la às reflexões que Bredekamp faz em sua teoria da imagem como ato. Uma discussão que nos alerta para o fato de que algumas imagens, na história da arte, foram tão arrebatadoras aos homens e mulheres, que mesmo sabendo tratar-se de uma

peça, substância material, determinados sujeitos não conseguiram evitar seu poder, chegando ao extremo de conhecermos a história de certas imagens que foram supliciadas, que tiveram membros amputados, olhos perfurados, imagens que foram atiradas ao rio ou encarceradas.

O poder que determinadas imagens têm, seu efeito no presente, é o centro da reflexão de Bredekamp. Ele identifica três categorias para o ato icônico: o esquemático, o substitutivo e o intrínseco. No primeiro, registra como determinadas atividades artísticas dão vida a certas imagens. Um dos exemplos analisados pelo autor é o filme *La Ricotta*, de Pier Paolo Pasolini. Em suas películas o diretor reconstrói cenas do Maneirismo italiano⁴ através de imagens vivas. É o que faz, no filme citado, com a encenação da obra *Deposição da Cruz*, de Rosso Fiorentino. A vivificação de imagens também ocorre em performances de dança, no teatro, em animações, autômatos etc. Após passear por diversos gêneros artísticos em busca de casos em que os artistas deram vida às imagens, o historiador conclui:

As imagens foram induzidas à fala, porque são mudas; foram substituídas por corpos, porque constam de matéria inanimada; foi-lhes incumbido um movimento interno, porque se fixam e imobilizam; por fim, graças a uma intervenção artificial, foram emocionalmente animadas, porque em si mesmas eram privadas de sentimento. (BREDEKAMP, 2015, p. 122)

O ato icônico substitutivo, por sua vez, opera pela presença simbólica de uma imagem com outra e, com essa permuta, se reveste de sacralidade. O exemplo mais ilustrativo dessa proposta é o famoso semblante de Jesus impresso no véu que Verônica usou para secar o suor do Cristo. De acordo com o pesquisador “Graças à impressão do corpo em imagem, ele certifica a autenticidade e a atividade intrínseca do artefato, e mediante esta situação fundamental pode valorizar insígnias e imagens judiciais como substitutivo válido dos corpos” (BREDEKAMP, 2015, p. 172).

No ato icônico intrínseco, a imagem atua na configuração das ações humanas a partir de sua expressividade artística, articuladas, por sua vez, com uma longa tradição de relações que o homem estabeleceu com a arte, como o quiasma de olhares e a história da iconoclastia. São relações muito ancestrais estabelecidas entre quem está diante da imagem, e ela própria. Nesse caso, o autor não exclui o olhar e a conformação do expectador, mas coloca em primeiro plano a própria forma. É ela capaz de mobilizar o *pathos* e produzir ações no presente, ou seja, o ato icônico intrínseco é explicado a partir da capacidade que a imagem tem de afetar, de produzir sentimentos e ações a partir de sua própria materialidade. Isso nos ajuda a entender, por exemplo, porque uma, e não todas as esculturas de São Sebastião, causou tamanho efeito nos fiéis da época, estendendo tal domínio entre soldados e oficiais militares, como veremos a seguir. Bredekamp afirma que o ato icônico intrínseco, “igualmente eficaz na arte e na natureza, produz os seus efeitos não menos profundos a partir da irresistibilidade da forma enquanto

⁴ De acordo com o E-Dicionário de termos literários, o maneirismo é “Movimento estético europeu, que marca, a par do renascimento, um afastamento consciente dos modelos clássicos, e que decorre entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII, nascido primeiro em Florença e Roma e depois estendido a outros países europeus. O maneirismo (do italiano *maniera*, a maneira ou estilo de um artista) traduzia a marca estética de um artista. A *maneira* de pintar de Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci e Rafael tornara-se um paradigma para toda a pintura europeia. O termo também servia para designar um estilo de época e não apenas uma estética individual, como na expressão *maniera greca*. “O Juízo Final”, fresco executado por Miguel Ângelo para a parede da Capela Sistina (1534-41), representou uma das primeiras pinturas no espírito da Contra-Reforma e anunciava já uma espiritualidade que fugia ao cânone clássico renascentista.” CARLOS CEIA: s.v. Maneirismo, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), Coord. De Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em 09 maio 2023

forma. Esta, já liberta de contextos e nexos constrangedores, dimanava a sua força ativa graças à distância garantida por tal autonomia” (BREDEKAMP, 2015, p. 254).

Embora a representação de São Sebastião possa ter se repetido em procissões e encenações teatrais na região, a informação que temos com certa fartura na documentação é sobre a circulação da escultura em diversas cidades santas até abrigar-se, atualmente, em capela no município de Lebon Régis. Isso reforça a relevância da construção da problemática deste texto com o terceiro esquema teórico construído por Bredekamp, pois enquanto os anteriores dão ênfase à animação e permuta, pensados como elementos vivificadores da imagem, o ato icônico intrínseco está centrado na forma e na materialidade, em especial em características como o olhar, os movimentos, a expressividade, a atração que uma imagem determinada provoca no meio em que circula.

Munido das ferramentas teóricas propostas por Bredekamp é possível conectar a escultura de São Sebastião com a história da arte e, ao mesmo tempo, com uma reflexão mais ampla sobre o sagrado e a religiosidade dos homens e mulheres do Contestado. Falar da escultura de São Sebastião, colocar como foco a sua forma, em tamanho natural, com a força vívida de sua arte, implica também em falar do temor que o santo impunha aos homens e mulheres do tempo da Guerra do Contestado.

Por isso, o texto foi iniciado com a prisão do santo, para em seguida, argumentar sobre como essa imagem específica era cuidada e reverenciada pelos fiéis da Santa Irmandade. Ao fim são elencadas algumas perguntas que têm motivado investigações recentes sobre o conflito rebelde, em especial, a proposta de conectar a história do Contestado às religiões de matriz africana. Sabemos que na história da cultura popular brasileira São Sebastião foi cruzado com Oxossi, o orixá das matas no candomblé e em algumas vertentes da umbanda (SIMAS, 2021). O santo, portanto, está relacionado a entidades que dominam as matas, caçadores que caminham sem deixar rastro para os inimigos. Senhores insubmissos, valentes, donos da terra. Estrategistas meticulosos, flecheiros audazes. Esse sincretismo pode ser operado pelo cruzamento de religiões de matriz africana com aspectos de religiosidades diversas, como o cristianismo, o kardecismo, a pajelança e tantas outras. Tal cruzamento não unifica as entidades, mas conectam suas forças em uma perspectiva cosmo-ontológica que fala antes das diferenças que da unidade. Segundo João Daniel Dorneles Ramos:

É pelo fato de que as energias se cruzam, se refazem e se desfazem, porque operam por fluxos, que podemos entender os processos operados pela Linha Cruzada em compor mundos e relações que não possuem como fundo a unidade ou a permanência estática. Dito de outro modo, é nos cruzamentos que diferentes entidades são agenciadas e operam relações éticas e políticas, em práticas e modos por meio dos quais as linhas funcionam. Neste sentido, a própria atuação das entidades, intensivamente, produz nos corpos das pessoas, múltiplos modos de existência (RAMOS, 2017, p. 63).

Nesse sentido, não é afirmado que São Sebastião é Oxossi ou um caboclo de umbanda, mas há pistas de cruzamentos entre as energias do santo católico e do senhor das matas, tanto no candomblé, quanto em algumas vertentes da umbanda. O desafio é pensar como São Sebastião pode ser o santo católico, mas também personagens de devoções outras, que não apenas a católica. Nesse sentido, é reivindicado o entendimento expresso por Luiz Antônio Simas ao discorrer sobre a relação estabelecida pela cultura popular de São Jorge com o orixá Ogum na história do Brasil, o de que o sincretismo operado pela cultura popular brasileira não

anula as diferenças, não empobrece ou enfraquece determinada cultura. Na perspectiva desse historiador, o sincretismo opera pela antropofagia.

O sincretismo é fenômeno de mão dupla, vem de negros e brancos, tem influências ameríndias, pode ser entendido como estratégia de resistência e controle – com variável complexa de nuances – e como fenômeno de fé. A incorporação de deuses e crenças do outro é vista por muitos povos como acréscimo de força vital, e não como diluição dela ou estratégia pensada friamente (SIMAS, 2018, p. 72).

4 RESULTADOS

Entre as muitas históricas fantásticas do Contestado consta a prisão da imagem do padroeiro São Sebastião. O principal registro feito sobre o assunto está na coletânea de histórias colhidas oralmente dos remanescentes do conflito. O trabalho foi feito pelo folclorista Euclides Felipe. A narrativa dessa prisão foi imortalizada na poesia de uma das principais lideranças do Contestado: Adeodato Ramos. Bastião Véio é o título que o líder rebelde conferiu ao episódio ocorrido em 1915. Trata-se de uma narrativa que fala da figura do santo tentando escapar da perseguição policial para criar uma nova cidade. Diz o seguinte:

01
Ca consciência bem pesada
Deu no pé S. Sebastião
Ia fugindo pelos mato
Na maió sofreguidão
De repente vê-se preso
E seus prano pelo chão

03
O capitão Viera Rosa
Tráis o santo encarcerado
Na sua cama de campanha
Lá por baxo tá enfiado
Aguardando o depoimento
Pra também se processado

05
- “Meu amigo São Bastião
- Não se meta a galo cego,
- Você tá ca cola presa
- Li sortá sempre me nego,
- E não quera se evadi
- Não adianta, já li pego”.

02
Intentava o bão do santo
I pras banda do Cerrito,
Co Nenem Arves de Ramos,
Pra formá um novo mito
Ia juntá a cabocrada
Pra de lá dá novo grito.

04
Diz que o Santo levantô-se
Certa noite muito irado:
- “Capitão me sorte logo
- Não me deixe engaiolado;
- Me arrespeite, eu sô um santo
- Têr-me preso é um pecado”!

06
- “São Bastião és o curpado
- Dos bobão fanatizá
- Bem atraiz de fortes grade
- É que armo o teu artá”...
O Bastião baxô as oreia
Arrepido de guerreá!

(FELIPPE, 1995, p. 194)

Nessa prosa, está dito que era intenção do santo juntar os caboclos para proclamar uma nova cidade (“dá novo grito”) e que isso seria feito por alguém identificado como Nenem Alves de Ramos. Segue afirmando que, enquanto São Sebastião se dirigia para as bandas do Serrito, à época sob a jurisdição do município de Lages, foi preso e, com ele, o sujeito que conduzia a imagem.

Ao que tudo indica o episódio da prisão do santo ocorreu no dia 17 de dezembro de 1915, momento de grande ofensiva militar contra as últimas Cidades Santas do Contestado. Esse período foi denominado por Maurício Vinhas de Queiroz (1981) como fase do açougue, pois está relacionado ao momento de maior violência contra os fiéis que não tinham se entregado e que eram capturados pelas forças policiais. Nesse contexto é que a cidade santa de Tamanduá tinha se erguido após a destruição de Santa Maria, ambas lideradas por Adeodato Ramos. No comando geral das operações da fase do açougue estava o Capitão Vieira da Rosa. O ataque a Tamanduá foi planejado pelo capitão Euclides de Castro, que tinha a seu dispor 25 praças da polícia catarinense e 168 civis. Conta-nos Aujor Ávila da Luz que:

Ao meio dia a pequena força do capitão Euclides de Castro ocupou o acampamento de Adeodato, que conseguiu fugir. O monge Frei Manoel foi morto neste ataque da polícia catarinense e seu cadáver foi sepultado aí mesmo no reduto. O casario, mais de mil casas, do aldeamento foi queimado; 180 cavalos, oitenta selas, quatrocentas armas, três mil cartuchos, trinta contos em dinheiro e uma grande quantidade de couros de boi já secos foram encontrados pela força no reduto; no povoado foram também vistas diversas engenhocas, monjolos, para fabricar a farinha de milho e alguns tachos de cobre; da igreja foi retirada a *grande imagem de São Sebastião*, que o comandante, não querendo deixar o local, mandou desmontar para transportar com a força. Entretanto, nenhum soldado se quis cometer tamanho sacrilégio e o *santo ficou abandonado no reduto* [...] No dia seguinte, os devotos fanáticos vieram buscar o santo milagroso e quando, em procissão, o levavam para Perdizes, foram aprisionados por um piquete de paisanos que os passaram pelas armas [...] (LUZ, 1999, p. 275, grifos nosso).

A citação acima contém informações relevantes. A começar pela descrição da cidade santa de Tamanduá, seu tamanho, com detalhada discriminação dos pertences fundamentais para o cotidiano da comunidade: selas, armas, couros, monjolos, tachos de cobre. Fez-se questão de ressaltar a imagem de São Sebastião, que, ao que parece, se destacou entre todos os objetos listados, incluindo entre os outros santos da igreja que sequer foram nomeados. O fato de nenhum dos homens sob o comando do capitão Euclides de Castro querer tocar no santo, nos apresenta um dado importante: o poder da imagem não afetava apenas os rebeldes. A escultura inspirava respeito, e, ao que parece, medo e devoção aos próprios homens da força de repressão ao conflito.

Não menos digno de nota é a observação de que no dia seguinte um grupo de pessoas voltou ao local para resgatar o santo. Esses fiéis seguramente sabiam do risco corrido, pois as forças de repressão estavam à espreita. Arriscar-se de tal forma para recuperar a imagem que não pode ser transportada na fuga apressada – o que reforça a ideia do tamanho natural da escultura – era algo calculado pelos fiéis. Possivelmente foi Nenem Alves de Rocha, o autor do resgate do santo mencionado nas décimas de Adeodato que, em fuga, acabou sendo aprisionado e, como registrado acima, todos que com ele estavam em procissão foram mortos. Para isso, foi usado um eufemismo de época, “passados pelas armas”, que, na linguagem corrente, significa que foram degolados.

Aujor Ávila da Luz (1999, p. 270) afirma que “na praça do reduto [em Tamanduá] foi levantada uma grande e bem acabada igreja de madeira serrada, onde se venerava uma imagem de São Sebastião, de tamanho natural” (1999, p. 270). Sobre a mesma cidadela, uma testemunha de época registrou: “O sino da igreja nova dobrava todas as tardes e o novo monge vestido numa batina marrom e acenando com o seu gorro de pele de tigre, movimentava a turba infeliz, diante da imagem simpática do S. Sebastião em tamanho natural” (PEIXOTO, 1995, p. 171).

Até aqui, nenhuma informação foi dada sobre o destino da imagem que os próprios soldados temiam. Em suas décimas, Adeodato Ramos narra que após a prisão do santo, a escultura foi entregue ao comandante geral, Vieira da Rosa, que temeroso do poder que o santo inspirava aos homens da época, decidiu encarcerá-la embaixo da cama de campanha. Conforme comentário do folclorista que recolheu essas décimas: “conservando-a escondida a fim de precaver-se contra um possível furto. Tal imagem às mãos de algum faccioso, poderia suscitar novo ajuntamento de fanáticos” (FELIPPE, 1995, p. 194). Adeodato Ramos, por sua vez, utiliza o recurso poético para nos informar que o expediente de encarcerar o santo embaixo da cama tinha como função angariar seu depoimento “pra também ser processado”. Artificio que o líder guerreiro utiliza para conectar seu destino ao do santo, qual seja, a condenação prévia, sem julgamento digno.

Na sequência, Ramos acrescenta um diálogo entre o comandante guerreiro e o oficial militar: “Diz que o Santo levantô-se/Certa noite muito irado:/- “Capitão me sorte logo/ - Não me dexe engaiolado;/-Me arrespeite, eu sô um santo/ - Têr-me preso é um pecado”! Nesse fragmento, Vieira da Rosa não apenas recusa-se a soltar São Sebastião, como atribui a ele a culpa pela constituição da Santa Irmandade. A organização religiosa em torno da memória do monge seria tanto uma heresia, quanto um crime de rebeldia com as leis do Estado. Tal assertiva ficará mais evidente na sequência das décimas: “-São Bastião és curpado/- Dos bobão fanatizá,/ - Bem atraiz de fortes grade/ - É que armo o teu artá”. Novamente encontramos Adeodato a falar de si a partir da história da prisão de São Sebastião, pois a ele foi negada a liberdade dada a outros envolvidos no Contestado. Esse líder rebelde foi condenado a 30 anos de reclusão, caindo morto em janeiro de 1923 após ser surpreendido em uma suposta tentativa de fuga da penitenciária de Florianópolis (MACHADO, 2017).

As décimas são concluídas com a sentença irônica, típica da inteligência de Adeodato Ramos, ao afirmar: “Boa justiça também jurga/Inté santo revortado!”. Esse cruzamento feito pelo líder rebelde entre sua história e a do santo, também aparece registrada na pena de um oficial militar da época, chamado Demerval Peixoto. Ele narra que:

Sobre as credices dos fanáticos, Adeodato que andava nas procissões com S. Sebastião num braço, e com o outro empunhando afiado facão, disse que no princípio acreditou cegamente nas histórias que corriam pelos acampamentos: depois que a força federal o desbaratou em Timbozinho, ele descreu e fugiu (PEIXOTO, 1920, p. 790).

Apesar dos adjetivos caluniosos atribuídos ao líder do Contestado, Peixoto nos oferece uma informação valiosa: Adeodato Ramos está entre os homens que cuidava, pessoalmente, da segurança da imagem do santo. Peixoto segue, agora com foco na imagem de São Sebastião:

Da Igrejinha de Perdizes foram carregadas todas as imagens, e n’aquela os soldados ainda encontraram intactas as salvas contendo os azinhavrados cobres das esmolos. O padroeiro, S. Sebastião, do tamanho de um adulto, para o reduto fora levado guiando a multidão em reza. Na multiplicidade das imagens de tamanhos vários, carcomidas e bezuntadas do oscular contínuo, feitas a maior parte por curiosos, destacava-se a simpática figura de S. Sebastião; era trabalho mais delicado, em franca desarmonia com a grosseira escultura das outras imagens (PEIXOTO, 1920, p. 399).

Importa ressaltar no registro acima o ritual de inauguração de uma cidade santa ocorria por meio de uma procissão em que o santo protetor ia na frente, guiando o povo. Junto a ele, outras imagens sacras seguiam o cortejo e ganhavam lugar nas capelas. Mas era São Sebastião

o guia, além de, no julgamento estético feito pelo militar, apresentar-se como a peça mais bela. As pistas sobre a escultura de São Sebastião indicam que ela fora produzida na própria região. Além dos traços, e do “tamanho natural”, ela aparece sempre em destaque na descrição feita aos santuários e cultos religiosos da Santa Irmandade. No altar das cidades santas, inclui-se ainda santos como São Miguel, Santo Antônio e São Jorge,⁵ mas a única imagem descrita em detalhes e, sempre individualizada pelo tamanho e força devocional, é a do santo guerreiro Sebastião.

Na sequência do relato de Peixoto encontramos:

A figura serena do santo mártir, trespassado o peito nu pelas flechas sangrentas, impressionava sobremodo os fiéis. Era a imagem mais cuidada. Sua silhueta encimava sempre os altares que tinham redomas e oratório arranjados com capricho em taboas e vidros finos, enlaçadas por fitas multicores (PEIXOTO, 1920, p. 399-400).

Ao traçar um histórico da região de Perdiz Grande (hoje localidade de São Sebastião do Sul, onde está a imagem de São Sebastião em Lebon Régis), o historiador Nilson Thomé destaca que a devoção ao santo está ligada a Eusébio Ferreira dos Santos, um dos principais fiéis do monge José Maria e avô das crianças que receberam o título de Virgens e foram as primeiras lideranças religiosas no interior das Cidades Santas. A partir da memória de um antigo morador da região, Thomé registra que:

A sede era um lugarejo chamado, oficialmente, São Sebastião da Boa Vista, que o povo teimava em substituir por Perdizes Grandes, ou, no falar matuto, Perdiz Grande, singular, distante de Curitiba para o norte, quatorze léguas, segundo diziam os mais abalizados calculistas dessa época [...]. Era um vilarejo que contava com uma dezena de casas, de madeira, algumas bastante amplas e confortáveis, outras mais modestas [...]. mais para o fundo, a igreja, com o santo padroeiro, São Sebastião, que dava nome ao povoado, uma imagem quase ao tamanho natural [...] Ficava a igreja em um ponto alto, em frente do amplo gramado central do vilarejo, plano nessa parte, com certo declive mais para baixo, rumo ao sul. O santo era dono de todo o terreno da povoação, chamado por isso de “patrimônio”, e cada habitante se localizava onde lhe aprazia, com o tácito consentimento do proprietário (CARVALHO LUZ, *apud* THOMÉ, 1999, p. 156).

Para além de Perdizes Grandes e Tamanduá, essa imagem de São Sebastião também foi registrada, com destaque, na cidadela de Santa Maria. Maurício Vinhas de Queiroz, que na década de 60 do século XX ouviu depoimento de muitos sobreviventes do Contestado, afirma que: “quando distantes redutos e guardas eram agora tomados e destroçados pelas forças legais, os fugitivos, ao recolher-se a Santa Maria, levavam consigo as imagens de suas igrejas e muitas delas eram depositadas ao pé de São Sebastião”; no que acrescenta: “A igreja de São Sebastião [em S. Maria] foi erguida sob os cuidados de Claudiano Alves, filho do velho Assumpção Rocha, a quem consideravam o ‘médico dos fanáticos’” (QUEIROZ, 1981, p. 211).

Paulo Pinheiro Machado, por sua vez, identificou a escritura de doação de terra feita em nome do santo no ano de 1892. O registro merece reprodução por nos apontar o que talvez seja uma das primeiras vilas nascidas sob a proteção de São Sebastião na região de influência dos rebeldes do Contestado:

⁵ Não parece mera coincidência que os santos evocados e cultuados nas cidades santas sejam, em sua maioria, guerreiros.

Escritura particular de bens de raiz de doação de promessa que fazem Antônio Simão dos Santos e Balbina Ferreira de Almeida Maciel, para uma freguesia, a São Sebastião, como abaixo se declara: Dizemos nós Antônio Simão dos Santos e Balbina Ferreira de Almeida Maciel, que somos senhores e possuidores de uns terrenos de campos e matos, no lugar denominado ‘São João’, deste termo, na fazenda das Perdizes, na estrada que desta [Vila de Curitiba] vai ter ao Porto da União da Vitória, que obtivemos por herança materna e paterna, por falecimento de dona Maria Joaquina de Almeida e o Tem. Antônio Ferreira Maciel, e hoje medida a nosso requerimento, só faltando solicitação de título, de cujos terrenos demos da nossa livre e espontânea vontade, por promessa que fizemos, um pedaço de terreno constante de trinta alqueires de chão para ali ser colocada uma Igreja e uma freguesia à São Sebastião, ficando este Santo o padroeiro daquele lugar e, como de fato desde esta data fazemos entrega do dito terreno e nomeamos como procuradores o cidadão Manoel Alves de Assumpção Rocha e o Tem. Alexandre Ferreira de Souza para qualquer deles receberem o dito terreno e fazerem construir uma igreja a darem os necessários planos, no modo de que devem ser feitos os arruamentos da freguesia e determinarem como melhor lhe parecer [...]. (apud MACHADO, 2004, p. 71.)

Conforme documento acima, é possível conjecturar que a imagem do santo que tratamos aqui talvez tenha sido produzida para inaugurar a capela que ali foi construída. Tal proposta, uma vez conectada com as indicações de autoria da imagem, com os lugares por onde ela circulou, reforça o poder de sua presença nas cidades santas do Contestado, assim como a expansão da crença no monge em período que antecede a formação da Santa Irmandade. Para período de eclosão do conflito do Contestado (1912-1916) Paulo Pinheiro Machado também encontrou registros sobre uma imagem de São Sebastião de tamanho natural. Ele afirma que “Esta imagem do santo circulou pelas igrejas das cidades santas de Taquaruçu, Caraguatá, Bom Sossego, Caçador Grande, Santa Maria, São Miguel e Tamanduá” (MACHADO, 2004, p. 72)

O episódio da prisão da imagem, por sua vez, foi mencionado pela historiadora Márcia Espig ao analisar o papel do santo guerreiro como figura central na configuração cosmopolítica da Santa Irmandade. Ela relata que após a tomada de Santa Maria novas cidades santas foram erguidas. São Miguel, posteriormente denominada de São Pedro, e Pedras Brancas, estão entre elas. A constituição dessas novas cidadelas coincidiu com o retorno da força nacional para o Rio de Janeiro, situação que ocorreu entre abril e maio de 1915. Espig registra que “[O reduto de] Pedra Brancas foi arrasado em outubro de 1915, e São Pedro teve o mesmo destino dois meses após” (ESPIG, 2002, p. 159).

Ao capitão Vieira da Rosa coube o serviço de finalizar as prisões, destruir os remanescentes e dar destino aos que se entregavam. “Este disseminou grupos volantes por um raio de 120 quilômetros aproximadamente, tendo sob seu controle cerca de mil homens – 427 soldados do 54 Batalhão e uns 500 civis”. De acordo com Espig: “Com este efetivo, Vieira da Rosa fiscalizava a ação dos piquetes de abastecimento rebeldes, que buscavam gêneros alimentícios” (ESPIG, 2002, p. 158).

Foi nessa ocasião que se deu a prisão da imagem do santo guerreiro. A historiadora encontra nas memórias de um comerciante que viveu entre as Cidades Santas o registro, em detalhes, desse episódio. Alfredo Lemos, a testemunha, publicou um documento intitulado: A história dos fanáticos de Santa Catarina e parte da minha vida naqueles tempos – 1913-1916. Cito aqui a referência anotada pela historiadora, pois a ela cabe os méritos do achado documental e o ineditismo da análise com foco na força de São Sebastião:

Entre os que se apresentaram em Perdizinhas, apareceu Nenê Alves, trazendo nas costas a imagem de São Sebastião, que sendo presa por Rosinha, este mandou pôr debaixo de sua cama e disse para a imagem: “Você foi o culpado desse povo ficar assim.” Chegando a Curitiba, Rosinha telegrafou ao governo dizendo que tinha terminado com os fanáticos e tinha prendido vários jagunços, inclusive São Sebastião” (ESPIG, 2002, p. 159).

O registro de Alfredo Lemos confere com as décimas de Adeodato Ramos e traz a informação de que o capitão Rosinha informou o governador de SC sobre a prisão do santo com um telegrama. O que vemos, portanto, é que embora Adeodato faça um cruzamento do seu destino com o do santo, sua narrativa possui bases factuais, possíveis de comprovação em outros vestígios de época. Isso nos convida a sermos mais atentos aos relatos organizados em formas poéticas populares, como as décimas de Adeodato Ramos.

Ao fazermos uma leitura a contrapelo das fontes acima, constatamos que no interior das cidades santas São Sebastião era a liderança máxima, que sua imagem era tão poderosa que ocupava o centro das devoções, sendo, inclusive, os outros santos depositados aos seus pés; que possivelmente essa mesma imagem esteve presente em outras cidades santas e, por fim, que ela parece ser fundamental para a constituição de novas cidadelas sagradas. Todos esses registros confirmam o relato de Adeodato Ramos, que por sua vez, é fervoroso devoto do santo. Suas habilidades guerreiras, assim como as de camuflar-se entre as matas, podem ser atribuídas à intercessão que o “Bastião Véio” possuía na constituição de personalidade rebelde guerreira, assim como o prestígio que angariou como liderança no momento de maior violência do estado contra os homens e mulheres do Contestado.

As manifestações acerca do poder e do prestígio de São Sebastião geralmente vêm associadas ao tamanho do santo e sua expressividade diante das outras imagens. Portanto, nesses casos, a materialidade, sua forma, tem algo a nos dizer, pois estar diante da imagem do santo é ser observado por ele. Um dos depoimentos registrado por Alfredo Lemos, e recolhido por Espig, reproduz uma cena em que um certo Tibúrcio Antunes Tobias afirmou que, ao entrar na igreja de Santa Maria para rezar, “viu a imagem [de São Sebastião] fardada e de espada na cinta. Seu medo foi tamanho que nada falou na época a ninguém, com receio dos comandantes” (apud ESPIG, 2002, p. 161). Podemos inverter essa declaração e pensar que o homem cruzou seu olhar com o do santo e ficou tão assustado com a visão que preferiu não comentar o episódio com os seus. Nesse caso, vale questionar: quem olhou para quem? Tibúrcio viu o santo, mas, ao que parece, foi o olhar e os andrajos do santo guerreiro, que o petrificou.

Como é comum em vestígios do passado que tratam do cotidiano e da fé de homens e mulheres das classes populares, relatos como esse são raros. Quão rico seria encontrar registros e memórias das crianças que se comunicavam com o monge, conhecer com mais detalhes a forma como Maria Rosa recebia as instruções sagradas repassadas aos fiéis. Eles abririam questões importantes para repensarmos a força do sagrado entre os fiéis de João e José Maria, assim como para auscultarmos a religiosidade popular no planalto catarinense no início do século XX. No entanto, sobre o assunto, temos informações dispersas, por exemplo, que algumas das lideranças religiosas se retiravam para a mata para conversar com os santos e monges e, ao retornar, repassavam as ordens dadas para a comunidade. Como esse contato era feito, não sabemos, mas o fato dele ocorrer na mata, e não na igreja onde estava a escultura, é um indício curioso que nos sugere cruzamentos possíveis entre o santo guerreiro e os caboclos das matas regidos por Oxossi. Neste aspecto, os rastros sobre cultos de matriz afro-brasileira

no Contestado são escassas, mas as poucas encontradas até o momento não deixam de ser promissoras.

Abundam os relatos efetuados pelos militares da presença de patuás e outros objetos devocionais encontrados nas cidades santas. Entre eles as medidas de São João Maria, composta por um barbante dobrado e embrulhado, geralmente trazido junto ao peito do fiel. Soma-se a tais objetos, as orações de proteção e fechamento do corpo, os cruzeiros cravados nas munições e nos armamentos para garantir a mira do atirador. Em todos os casos, são objetos e/ou inscrições semelhantes aos encontrados em rituais de umbanda no presente.⁶ Em uma das orações recolhidas, por exemplo, está presente a oração da Espada Elétrica, arma que pode estar associada a São Sebastião ou a São Jorge. Ela diz o seguinte:

Espada eletica pertence a Antonio de Sousa nobre caveleiro de São Sebastião em nome de Santo João Maria quem atira no meu corpo atira na hóstia consagrada porque entre a porva e a espuleta Jesus Christo fez morada, Deus Adiante e por nosso guia eu Antonio me encomendo a Deus e a Virgem Maria que eu não desprezo nem atado nem do Diabo atentado me guarde meu São Celeste, com 7 anjelo quebro pedra, com 7 anjelo quebro fero, quem me aponta alma de fogo em pedaços ficará e os meus inimigos compensará que Deus o Vivo Padre e Filho esperito Santo amem Jesus e esta oração pense São Jose e João Maria (PEIXOTO, 1920, p. 64).

Nem sempre as orações são fiéis aos documentos encontrados, até porque muitos desses escritos eram redigidos em letras quase indecifráveis, além de estarem dobrados e guardados em patuás presos aos corpos que, por sua vez, ficaram manchados de suor e sangue de quem os traziam consigo.

Apesar disso, os vínculos às religiosidades afro-brasileiras são evidentes. Além da própria materialidade do patuá, objeto benzido, trajado com o guerreiro para fechar seu corpo dos males físicos e espirituais, a oração invoca São Sebastião, os monges João e José Maria, Virgem Maria, o Espírito Santo, Jesus Cristo e uma falange de anjos celestes. A repetição do número sete e, em alguns casos, de cruzeiros desenhados nas extremidades dessa relíquia, reforçam o cruzamento não apenas de São Sebastião com Oxossi, mas também com os caboclos senhores das matas, com outros santos e anjos, além do próprio cristo católico e sua mãe, identificada como Virgem Maria.

Mantendo a atenção nos vestígios dessa ordem encontramos nos relatos de Vieira da Rosa, o oficial que aprisionou o santo, uma narrativa ambígua sobre o sagrado e a natureza no Contestado é evidenciada: “Por entre troncos de pinheiros e imbuias esse amontoado alvadio afigurava-se nos fantasmas evocados pelo jagunço crendeiro, exércitos de espíritos em que eles criam piamente como enviados por Deus, sob o comando direto de São Sebastião” (ROSA, 2012, p. 158, grifo nosso). É registrada aqui a atmosfera de mistério e temor que circulava entre os fiéis e as tropas, e nela a mata é retratada como entidade viva por onde circulava “exército de espíritos” sob a liderança de São Sebastião. Como senhor das matas, ora o santo aparece

⁶As práticas que deram origem a umbanda antecedem a sua oficialização. Os cruzamentos entre santos católicos, Orixás africanos e entidades indígenas remontam ao período colonial brasileiro. Portanto, não estou propondo que a Umbanda existia antes de sua oficialização, mas estou levantando como hipótese que as práticas de identificação do santo católico com entidades das matas já está presente na Santa Irmandade. Trata-se de uma vertente interpretativa inédita que inauguro com essa abordagem. Ela também sugere a presença, tão pouco estudada na historiografia do Contestado, de sujeitos negros e indígenas no Contestado, tal como o “velho Maneco” que foi conselheiro de Adeodato Ramos.

abraçado aos fiéis em disparada pela mata, ora se ergue altivo e incontestado sobre todos os homens e santos da região.

A associação do “Bastião Véio” com uma entidade das matas, comandante caçador, que não permite que seus seguidores sejam transformados em caça, em tudo indica a força da imaginação e da crença do povo do Contestado em conectar o santo católico com entidades de cultos da cosmologia afro-indígena. Na potencialização desse cruzamento do santo romano com entidades das matas africanas e brasileiras, a forma da escultura, com sua expressão altiva, sem temer a dor e prestes a caminhar entre os fiéis, deve ter tido papel fundamental. Caso contrário, por que, entre todas as imagens de santos, somente a de São Sebastião é destacada? Por que ela foi tão temida, a ponto de não ser violada pelos soldados e jagunços que a capturaram? Por que motivo, entre todas as imagens que devem ter ficado para trás na fuga da cidade santa de Tamanduá, os fiéis arriscaram a vida para buscar justamente a do “Bastião Véio”?

CONCLUSÃO

Em abril de 2003 um grupo de fuzileiros navais americanos, presentes na Praça Fridos, em Bagdá, após a tomada do Iraque, juntou-se à multidão e deu início à derrubada da imagem de Saddam Hussein. Como se tratava de um monumento de 12 metros de altura, apoiado em uma base também alta, foi utilizado um veículo blindado de recuperação M88. Horst Bredekamp relata esse episódio, detendo-se na iniciativa do soldado norte-americano de cobrir o rosto da imagem, antes da queda da estátua, com a bandeira americana. Ele afirma que:

Este procedimento foi interpretado como um ato de triunfo; mas à luz da história do olhar e da imagem, constitui um gesto de defesa. Escondeu-se o rosto da figura da mesma forma que com uma venda se tampam os olhos dos condenados à morte: não para os poupar à vista da boca das espingardas, mas para proteger os atiradores perante o olhar dos que vão morrer. Os soldados agiram de acordo com este modelo de proteção do olhar (BREDEKAMP, 2015, p. 180).

Linha de raciocínio similar à operada acima pode ser aplicada à prisão da imagem de São Sebastião. Quando os homens do Capitão Euclides de Castro capturaram a escultura do santo guerreiro, eles tinham diante de si algumas opções: deixá-la num canto do acampamento, abandoná-la na mata, jogá-la ao rio, enterrá-la e, no extremo, destruí-la. Mas fez a opção de leva-la até o comandante geral da operação militar, o Capitão Rosinha. Este, por sua vez, decidiu engaiolá-la. E tal encarceramento não ocorreu de forma comum, como deixá-la solitária em aposento fechado, mas no recurso de tirá-la à vista, de si, e dos outros, colocando-a, reforça todos os registros de época, embaixo da cama. Sabendo que os homens capturados com a imagem tinham sido degolados pelos vaqueanos, e que o aposento do oficial comandante era um dos mais vigiados e seguros no acampamento militar, nesse sentido, fica a dúvida: quem Rosinha queria proteger ao circunscrever o olhar da imagem ao escuro do enquadramento limitado à parte inferior da cama de campanha?

Com esse movimento Vieira da Rosa emprega uma ação que há séculos tem sido utilizada quando alguém se porta diante de imagens poderosas que carregam, em sua forma, a potência de inspirar temor, alegria ou êxtase: o de cobrir-lhes a visão na tentativa de anular os efeitos que a imagem desperta em quem se porta diante dela. A força dessa imagem perante os soldados e jagunços, inimigos dos fiéis, já tinha sido anunciada quando foi resgatada em sua viagem nos braços de um rebelde, que com ela pretendia fundar uma nova cidade santa pelas

bandas do Serrito. O gesto do soldado trazer a imagem de São Sebastião até seu comandante, para deixar que ele decidisse o futuro do santo, antecede, e anuncia, os cuidados dispensados a ela.

Em suas reflexões Horst Bredekamp (2015, p. 184) é taxativo: “A imagem não é estática, mas age.” Essa ação depende de inúmeros fatores intrínsecos à própria imagem, tais como os olhos, a cor, expressões, o movimento, a perspectiva. Em suma, sua potência depende também da forma da imagem, e não apenas das crenças de quem olha. No caso da escultura de São Sebastião, sua dimensão grandiosa contribui para o impacto que ela causou a quem se portava diante dela. Não menos importante, é sua capacidade de evocar a história do santo guerreiro, que mesmo martirizado, não perdeu a fé, não sucumbiu às dores da carne, nem se entregou aos algozes.

A potência da imagem como ato icônico intrínseco pode ser pensada como um efeito Medusa. Nesse caso, ela representa um perigo a quem cruzar seu olhar com o dela. No caso da escultura de São Sebastião, não passa despercebido que o santo evita olhar para os fiéis. Seus olhos dirigem-se ao céu. O movimento que a escultura ensaia, é anunciado pela perna prestes a caminhar, pelos braços em atitude de entrega, antes ao sagrado, que aos supliciantes.

Resta conjecturar: por que a imagem de São Sebastião foi tão marcante na história e na memória do Contestado? por que ela afetou tantos homens e mulheres que não somente ergueram cidades santas no anseio de construir novos mundos, mas arriscaram a própria vida por ela? Tendo como ferramenta conceitual as categorias propostas por Bredekamp precisamos voltar à forma da escultura, perscrutar sua expressividade, a atração que ela desperta, a força que emana de seu corpo inorgânico. Com essa pergunta, e com essa bagagem, é possível destacar que não foi apenas pela lenda do soldado romano canonizado pela igreja católica que esta imagem ganhou destaque entre tantas outras. É possível conjecturar que a própria centralidade do santo guerreiro no altar dos rebeldes do Contestado está associada à característica específica dessa escultura. Caso contrário toda e qualquer imagem de São Sebastião despertaria o mesmo efeito nos sujeitos da época. O que vemos, portanto, é o contrário disso. O São Sebastião de tamanho natural é sempre singularizado entre todos os santos.

Nesse sentido, os estudos de Bredekamp sobre a imagem como ato, nos parece importante, pois ele nos fala que essa associação ocorre pelo poder da própria imagem, como ato icônico intrínseco, em ativar memórias e despertar afecções que vêm de outros tempos. A escultura de São Sebastião, aprisionada por Rosinha, e hoje guardada em uma capela quase anônima no coração do Contestado, tem a característica da leveza e do movimento. A perna direita do santo, conforme observado no início, ensaia deixar a árvore em que seu corpo foi apoiado (curiosamente sem nenhuma amarra), e se encontrar com os fiéis. Seu rosto em êxtase, ao invés de dor, reforça os vínculos que a escultura parece impor a quem, como ele, foi vítima de denúncias e traições, e teve seu corpo aprisionado e torturado por professar a fé em um sagrado não oficializado à época.

No entanto, acrescenta-se a essa reflexão algo imprevisto por Bredekamp, uma vez que o intelectual alemão não estudou a complexa religiosidade do povo brasileiro: a capacidade que essa imagem tinha de conectar-se, ou cruzar-se, com outras tradições religiosas que se faziam presentes na região. Tal cruzamento converge para a abertura de novos caminhos interpretativos que potencializam os esquemas teóricos que configuram o ato icônico intrínseco.

Isso porque, nas décimas de Adeodato Ramos no episódio em que o santo acorda e vê-se aprisionado, suas primeiras palavras, proferidas em forma de ordem, foram: “Capitão me sorte logo”; seguidas de: “me arrespeite, eu sô um santo”. Nesse exemplo, a potência da imagem é narrada por meio de sua manifestação em primeira pessoa, reivindicando sua autoridade e, em nome dela, ordenando que o militar o libertasse da prisão. Embora julgado e encarcerado o santo não cede, não teme, não perde a autoridade.

Voltar à história da prisão do “Bastião Véio”, munido de instrumentais da história da arte, não apenas renova e aumenta a compreensão da história da religiosidade da Santa Irmandade de São José e São João Maria, como reconfigura o sentido que essa história possui na memória dos remanescentes do conflito no presente. Também permite rever essa imagem com outras lentes, que não apenas a católica oficial. Porém, não menos importante para as pretensões de um historiador que trabalha no cruzamento da história do tempo presente com a história pública (RODRIGUES; BORGES, 2021), enveredar nessa abordagem abre espaço para reconhecer a manifestação do sagrado em espaços e rituais interditados por um olhar etnocêntrico que, possivelmente, se distanciava das crenças e vivências da época.

Quem vive a experiência do sagrado que tem os santos, os orixás e os caboclos como referência, entende que uma guerra não se trava apenas pela tecnologia bélica. Durante o período de maior recrudescimento da repressão militar nas cidades santas a astúcia dos rebeldes, assim como o conhecimento que possuíam das matas, eram elementos que conferiam força e unidade para os fiéis. São Sebastião, Oxossi e caboclos também tiveram papel nessa luta. Recusar-se a compreender a complexidade dessa devoção faz parte de uma fragilidade interpretativa que diz mais sobre nós, os/as pesquisadores/as, os sujeitos do presente, do que sobre as pessoas, aparentemente simples, que professaram uma fé rica em rituais, em saberes e em capacidade de resistir à cultura de opressão e morte a que sempre foram expostos.

REFERÊNCIAS

BREDEKAMP, H. **Teoria do Acto Icônico**. Lisboa: KKYM, 2015.

ESPIG, M. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Canoas/RS: ULBRA, 2002.

FELIPPE, E. **O último jagunço**. Folclore na História da Guerra do Contestado. Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.

KASRBURG, A. **O eremita das américas**. A odisséia de um peregrino italiano no século XIX. Santa Maria: Ed. UFSM, 2014

KUNRATH, Gabriel Carvalho. **Não tivemos outro jeito, ou morríamos ou nos defendíamos: uma análise acerca da Batalha do Irani (1912)**. Dissertação. 163 p. (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em História, Pelotas, RS, 2020.

LEMOS, A. de O. **A história dos fanáticos em Santa Catarina e parte da minha vida naqueles tempos: 1913-1916.** Passo Fundo, RS: Gráfica e Editora Pe. Berthier, 1989.

LEMOS, Z. **Curitibanos na história do Contestado.** Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.

LUZ, A. A. da. **Os fanáticos.** Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado.** Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

MACHADO, P. P. e AXT, G. (org.). **O Processo de Adeodato, último chefe rebelde do Contestado.** Florianópolis, CEJUR, 2017.

PEIXOTO, D. **A campanha do Contestado: episódios e impressões.** Rio de Janeiro: s/ed, 1920.

MONTEIRO, D. T. **Os errantes do novo século.** São Paulo: Duas Cidades, 1974.

QUEIROZ, M. V. **Messianismo e conflito social.** A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916. 3.ed. São Paulo: Ática, 1981.

RAMOS, J. D. D. O cruzamento das linhas, os corpos e seus outros nas religiões de matriz africana. **Trama**, Montevideu, n. 8, 2017, p. 57-68.

RODRIGUES, R. R.; DALLANORA, C. Guerra do Contestado: da Santa Irmandade à formação das milícias. In: BRANCHER, A. A.; MACHADO, V. **História de Santa Catarina na Primeira República (1889-1930).** Florianópolis: Editora UFSC, 2022.

RODRIGUES, R. R.; BORGES, V. T. **História pública e história do tempo presente.** São Paulo: Letra e Voz, 2021.

ROSA, V. da. **Memórias do general Vieira da Rosa: participação na Guerra do Contestado.** Florianópolis: MPSC, 2012.

SALOMÃO, E. R. **O exército encantado de São Sebastião.** Um estudo sobre a reelaboração do mito sebastianista na Guerra do Contestado. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História Social, Brasília, DF, 2008.

SIMAS, L. A. **Almanaque Brasilidades: um inventário do Brasil popular.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

SIMAS, L. A. **Umbandas: uma história do Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

THOMÉ, N. **Os iluminados.** Personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado. Florianópolis: Insular, 1999.

WELTER, Tânia. **Encantado no meio do povo.** A presença do profeta São João Maria em Santa Catarina. São Bonifácio/SC: Edições do Instituto Egon Schaden, 2018.